



## 1.16 • Conjuntura internacional

### O PSUV E O RUMO POLÍTICO DA VENEZUELA

Nancy Gomes

EM 2018, NO DIA 20 DE MAIO, Nicolás Maduro Moros foi reeleito Presidente da República Bolivariana da Venezuela por mais um período de seis anos. Pouco tempo depois, a 30 de Julho, Maduro Moros é ratificado como presidente do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) por mais quatro anos, por “aclamação” dos delegados do partido, reunidos no IV Congresso Socialista.

#### Para além do *puntofijismo*

Durante um período de quarenta anos (1958-1998) na Venezuela prevaleceu um regime democrático, caracterizado pelo politólogo venezuelano Juan Carlos Rey como um “sistema populista de conciliação de elites”, que dependia sobretudo da capacidade dos mecanismos democráticos (as eleições e o sistema de partidos) de satisfazer as aspirações da maioria da população. Paralelamente, criou-se um outro sistema – não democrático – que servia para garantir o apoio a determinados grupos (as Forças Armadas, a Igreja Católica, empresários, etc.). Isto é, os “mecanismos de tipo utilitário – para além dos normativos – foram fundamentais para a manutenção da ordem sociopolítica na Venezuela”<sup>1</sup>.

Durante o período de transição democrática que teve início em 1958 é de destacar, efectivamente, o papel conciliador dos principais partidos políticos (Acção Democrática ou AD, Comité de Organização Política Eleitoral Independente ou COPEI, e a União Republicana Democrática ou URD). Contudo, o “desgoverno” do sistema – não democrático –, nas palavras de Rey, deveu-se mais à inacção ou omissão que à intervenção dos partidos políticos. Acrescenta-se ainda que a delegação de amplos poderes legislativos na figura do Presidente da República favoreceu o desenvolvimento de um forte “personalismo presidencial”, considerado uma causa dos muitos males que afectam o sistema político e a sociedade venezuelanos<sup>2</sup>.

O “bipartidismo” (AD e COPEI, de forma alternada), consequentemente refém do “é sempre o mesmo”, acumulou um capital imenso de frustração por parte dos votantes e lançou-os numa espiral de alienação do político, comprometendo a vigência do regime da democracia representativa que vigorava naquele país desde 1958. A eleição de Rafael Caldera (agora representando o partido Convergência ou El Chiripero, na linguagem popular) como Presidente da República, em 5 de Dezembro de 1993, punha fim a um sistema político concebido através de negociações, pactos, conciliação e acordos entre os mais diversos interesses, para além do *puntofijismo*.

#### O *caracazo* no limiar da Revolução

##### Bolivariana

A revolta popular de Fevereiro de 1989 em Caracas, ou *caracazo*, como seria lembrada, com um saldo aproximado de 400 mortos, e as constantes mobilizações de protesto contra a “austeridade” que se lhe seguiram, criaram um ambiente favorável para a insurgência de grupos organizados, como o Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MBR-200). Em 1992, o MBR-200, liderado pelo tenente-coronel Hugo Chávez Frias, tentou executar um golpe contra o então Presidente da República da Venezuela, Carlos Andrés Pérez. Para o antropólogo venezuelano Fernando Coronil, “tratando-a como uma rebelião popular, Chávez transformou o *caracazo* num limiar fundador da Revolução Bolivariana. Como se seguisse o roteiro das grandes revoluções sociais do período moderno”<sup>3</sup>.

“  
Os resultados das eleições de 20 de Maio de 2018 mostram-nos claros sinais de “estatismo”(…) o Presidente Nicolás Maduro Moros vence as eleições com perto de 70% do total dos votos.”

A crise económica e social continuou durante o governo de Rafael Caldera (1994-1999), facilitando o colapso eleitoral dos partidos políticos tradicionais. Nas eleições de dia 6 de Dezembro de 1998, Hugo Chávez Frias – representando o Partido Movimento V República (MVR) – é eleito Presidente da República. Com 3 673 685 votos (56% do total), Chávez assumirá o comando de um país em claro processo de ruptura histórica. As constantes críticas do presidente Chávez à democracia representativa e o seu militarismo contra os partidos<sup>4</sup> conduziram o novo Governo no sentido da aprovação de uma nova Constituição. A Constituição de 1999 introduziu na Venezuela um novo modelo político de democracia participativa sustentado em eleições e referendos mas que dispensa, basicamente, os partidos políticos da sua função mediadora entre eleitos e eleitores.

#### Fundação do PSUV e a figura central de Chávez

Hugo Chávez Frias, líder indiscutível do MBR-200, passaria a ser a autoridade suprema do MVR, ocupando a presidência de forma ininterrupta.

Porém, faltavam as bases ao partido. Não dispondo de uma organização permanente nem contando com uma ideologia própria, comum a todos os militantes, tratava-se, evidentemente, de um partido criado com fins eleitoralistas. Em 2002 inicia-se um processo de radicalização do discurso e da acção política do Governo de Chávez, após uma tentativa de golpe – liderado por representantes dos sectores militares e empresariais mais conservadores. Ainda no contexto do processo de radicalização, em 16 de Dezembro de 2006, por decisão do presidente, o MVR é dissolvido e, no seu lugar, é criado o Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV).

Chávez assume a direcção nacional do PSUV no dia 14 de Março de 2008, depois de ter sido eleito presidente por “aclamação” dos delegados do partido, passando a contar com “uma ferramenta política autodefinida nos seus documentos liminares como democrática, anti-imperialista e anticapitalista”<sup>5</sup>. Um ano e poucos meses depois da morte do presidente, durante a realização do III Congresso Socialista, em Julho de 2014, é adoptada a decisão de “modificar os estatutos do partido. A partir desse momento, toda a militância socialista reconhecerá o comandante supremo Hugo Chávez Frias como líder máximo e presidente fundador do PSUV”<sup>6</sup>. O PSUV apresenta-se, pois, igual ao extinto MVR, como um partido estritamente personalista, um partido *chavista*.

#### O *chavismo* e a ideologia de partido

Num contexto de bonança económica mas também de radicalização do processo revolucionário, em Janeiro de 2005, o presidente Chávez anunciava publicamente que daí para a frente o projecto político do partido/Governo consistiria em construir o “socialismo do século XXI”. O fundador e máximo líder do PSUV contava naturalmente com os recursos disponíveis do Estado<sup>7</sup>. Como parte da sua estratégia, durante o período inicial da organização, e, mais tarde, durante o Congresso Fundacional, o PSUV começa com um plano de formação ideológica e política para dentro. Cria-se o Sistema de Formação Socialista Simón Rodríguez, que consiste basicamente na realização permanente, em todo o território nacional, de actividades como debates, charlas, conversas, sessões de análise e esclarecimento sobre o socialismo bolivariano.

Para fora, Chávez decide impulsionar “a união internacional das forças que compreendam e assumam a estratégia da revolução”, assumindo-se como “um novo e poderosíssimo eixo gravitacional na América Latina (...) e um farol para centenas de milhões de vítimas da crise capitalista na região”<sup>8</sup>. O PSUV, de acordo com os planos

## LA HORA DEL PUEBLO

Letra y Música: Gustavo Arreaza

### PARTITURAS

#### I Estrofa

Con la emoción  
Del poder popular en acción  
Militante es la hora del pueblo  
Tomamos las riendas de nuestra nación  
Es el honor  
El valor que transfiere virtud  
Al PSUV que es pueblo glorioso  
y hoy rompe cadenas de la esclavitud

#### Coro I

El PSUV unido con pasión  
Retoma el sueño del Libertador  
y lo encarna, alza su vista  
Va construyendo la patria socialista  
Somos millones una sola voz  
Un pueblo libre en revolución  
Somos presente el gran mañana  
Vamos forjando la patria soberana

#### II Estrofa

Triunfo es unión  
Socialismo la liberación  
Solidario es el tiempo de vida  
Amor la semilla de un mundo mejor  
Es la verdad  
Una antorcha que enciende la paz  
Al PSUV lo encarga el destino  
De alumbrar caminos por la dignidad

#### Coro II

El PSUV unido con pasión  
Retoma el sueño del Libertador  
y lo encarna, alza su vista  
Va construyendo la patria socialista  
Con tres raíces como inspiración  
Florece el árbol de emancipación  
Es Hugo Chávez el que nos guía junto a  
Zamora, Rodríguez y Bolívar

#### Coro III

Unir América en una nación  
Inmenso reto del Libertador  
Alerta el mundo que ya camina  
Y hace justicia la espada de Bolívar  
Somos millones una sola voz  
Un pueblo libre en revolución  
Somos presente el gran mañana  
Vamos forjando la patria soberana

Fonte: <http://www.psu.org.ve/psuv/himno-psuv/>

do seu fundador, deveria, portanto, responder à necessidade de criar uma estrutura e organização próprias de um “partido de massas”, com uma ideologia adequada ao tamanho da sua missão revolucionária.

Mais recentemente, no meio de uma crise socioeconômica com claros contornos humanitários<sup>9</sup>, o actual presidente do PSUV, Nicolás Maduro Moros, definiu entre as linhas estratégicas do Governo/partido, ratificar “o socialismo, o nosso socialismo cristão, bolivariano, chavista, robinsoniano, zamorista, o nosso Socialismo do Século XXI, independentista, rebelde, o nosso socialismo solidário”<sup>10</sup>. Em finais de Julho de 2018, os delegados reunidos durante o IV Congres-

so Socialista decidiram conceder ao Presidente Maduro poderes plenipotenciários para eleger a direcção nacional assim como a estrutura política do partido.

### Panorama actual dos partidos políticos na Venezuela

Em meados de 2009, vinte e dois partidos políticos (AD, COPEI, Primeiro Justiça, Movimento em Direcção ao Socialismo ou MAS, entre outros) aliaram-se no bloco Mesa da Unidade Democrática ou MUD, opondo-se ao oficialismo nas eleições legislativas de 26 de Setembro de 2010. Os resultados deram maioria simples ao partido do Governo mas impediram-no de legislar sem acordo. Como resposta, em 2011 – num contexto de polarização crescente da sociedade venezuelana –, Hugo Chávez assume a iniciativa de criar o Grande Polo Patriótico Simón Bolívar (GPP) como “instrumento da Revolução Venezuelana”<sup>11</sup>. Esta coligação é composta essencialmente por partidos políticos de esquerda como o PSUV, o Partido Comunista da Venezuela (PCV) e o Movimento Eleitoral Popular (MEP), entre outros.

Posteriormente, com a morte de Chávez em Março de 2013 e com um país já submerso numa crise económica e social sem precedentes, a aliança opositora alcançou finalmente o controlo do Parlamento nas eleições de Dezembro de 2015. Com dois terços do total dos lugares na Assembleia, a MUD passaria a poder aprovar novas leis e a reformar e emendar a Constituição livremente. Contudo, após várias sentenças emitidas pelo Tribunal Supremo (controlado pelos chavistas) contra o principal órgão legislativo do Estado, em 28 de Março de 2017, a Assembleia Nacional é despojada das suas competências. Os deputados perdem a sua imunidade parlamentar e, em contrapartida, o Presidente da República sai reforçado com poderes em matéria penal, militar, económica, social, política e civil. Durante as últimas eleições presidenciais, convocadas agora por uma nova Assembleia Nacional Constituinte<sup>12</sup>, o Conselho Nacional Eleitoral registou um total de dezassete partidos políticos, constituindo as distintas opções eleitorais nos âmbitos nacional, regional e municipal. A MUD ficaria excluída das eleições, uma vez mais, por ordem do Tribunal Supremo. Os resultados das eleições de 20 de Maio de 2018 mostram-nos claros sinais de “estatismo” no sistema político venezuelano: o candidato que representava a coligação GPP, o Presidente Nicolás Maduro Moros, vence as eleições com perto de 70% do total dos votos; em segundo lugar, o candidato pelo Partido Avanzada Progressista (AP), Henry Falcón – coligado com outros partidos como o Copei, o MAS e o Movimento Ecológico – consegue pouco mais de 20%; e, no terceiro e quarto lugares, os candidatas Javier Bertucci (EPC) e Reinaldo Quijada (UPP89) com 10,9% e 0,39% respectivamente. Com a MUD de fora, o “antichavismo” dos novos partidos foi, mais uma vez, insuficiente para provocar uma mudança de rumo político na República Bolivariana da Venezuela. ■

#### Notas

- REY, Juan Carlos – *El Futuro de la Democracia en Venezuela* [Em linha]. Caracas: Universidad Central de Venezuela. Facultad de Ciencias Jurídicas y Políticas, 1998, p. 283 [Consult. 3 Setembro 2018]. Disponível em <https://juancarlosrey.academia.edu/research#papers>
- REY, Juan Carlos – “El Sistema de Partidos falló”. *Revista SíC*, N.º 772 [Em linha]. Caracas: Centro Gumilla, 2010, pp.67-72. [Consult. 25 Agosto 2018]. Disponível em [https://www.academia.edu/5228440/El\\_sistema\\_de\\_partidos\\_fallo](https://www.academia.edu/5228440/El_sistema_de_partidos_fallo)
- CORONIL, Fernando – “Chávez’s Venezuela. A New Magical State?”. *Revista Harvard Review of Latin America* [Em linha]. Cambridge: David Rockefeller Center for Latin American Studies [Consult. 8 Agosto 2018]. Disponível em <https://revista.drclas.harvard.edu/book/ch%C3%A1vez-venezuela>
- Na Venezuela existe, desde as suas origens republicanas e ao longo de toda a sua História, uma tradição antipartidista que remonta às ideias de Simón Bolívar.
- PSUV – “Somos un Faro para América Latina y el Mundo”. Caracas, s.d. [Consult. 1 Agosto 2018] Disponível em <http://www.psu.org.ve/psuv/>
- PSUV – III Congreso. Caracas [Consult. 1 Agosto 2018] Disponível em <http://www.psu.org.ve/wp-content/uploads/2014/08/iii-congreso-acta-de-decisiones-aprobadas.pdf>
- Por mais de sete anos, durante o governo de Chávez, o preço do barril de petróleo manteve-se nos US\$ 90, chegando inclusive a situar-se acima dos US\$ 136. O dramaturgo venezuelano José Ignacio Cabrujas defendia que “a riqueza do petróleo é a chave para entender o carácter específico do Estado na Venezuela, incluindo o aparecimento de presidentes que incorporam poderes colectivos como sendo seus próprios e agem como feiticeiros magnânimos que podem tirar realidades fantásticas de um chapéu”. CABRUJAS, José Ignacio – “El Estado del disimulo”. *Revista Estado & Reforma* [Em linha]. Caracas, 1987 [Consult. 1 Setembro 2018]. Entrevista concedida a Luis García Mora, Víctor Suarez, Trino Márquez e Ramón Hernández. Disponível em <https://politikauca.net/2014/10/02/documento-el-estado-del-disimulo/>
- PSUV – “Somos un Faro para América Latina y el Mundo.” Caracas, s.d. [Consult. 1 Agosto 2018]. Disponível em <http://www.psu.org.ve/psuv/>
- Veja-se o estudo económico da América Latina e Caraíbas sobre a República Bolivariana da Venezuela, publicado pela Comissão Económica para a América Latina e Caribe ou CEPAL, em 2018. Disponível em [https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/43964/105/EEE2018\\_Venezuela\\_es.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/43964/105/EEE2018_Venezuela_es.pdf)
- Ministerio del Poder Popular para la Comunicación e Información – *7 Líneas Estratégicas del Presidente Nicolás Maduro*. Caracas: Ediciones MinCI, Agosto 2018. ISBN 978-980-227-417-8, p. 27 [Consult. 15 Setembro 2018]. Disponível em <http://www.minci.gob.ve/wp-content/uploads/2018/08/7-l%C3%81neas-2.pdf>
- GPPSB – *El Gran Polo Patriótico Simón Bolívar. Construir la Hegemonía Política e Ideológica de las Fuerzas Democráticas y Revolucionarias*. Caracas [Consult. 1 Agosto 2018]. Disponível em <http://www.granpolopatriotico.org.ve/wp-content/uploads/2015/07/Congreso-Movimientos-Sociales.pdf>
- Em 30 de Julho de 2017 foram eleitos os representantes da Assembleia Nacional Constituinte ou ANC, com o objectivo de criar uma nova Constituição. Considerada ilegal pelos partidos da oposição, a ANC não é reconhecida por uma grande parte da comunidade internacional (EUA, União Europeia, Grupo de Lima, Canadá, entre outros).